

**RESENHA**

DOI: 10.22481/praxis.v14i28.3479

**BREVE E CONTUNDENTE**

## SHORT AND CONTUDENT

## BREVE Y MORDAZ

*Guilherme Howes Neto*  
Universidade Federal do Pampa - Brasil

**Resumo**

Esta é uma resenha sobre o livro “**A fábrica da educação**: da especialização taylorista à flexibilização toyotista”.

**Palavras-chave:** Taylorismo. Flexibilização. Toyotismo.

**Abstract**

This is a review of the book “**A fábrica da educação**: da especialização taylorista à flexibilização toyotista”.

**Keywords:** Taylorism. Flexibilization. Toyotismo.

**Resumen**

Esta es una reseña sobre el libro “**A fábrica da educação**: da especialização taylorista à flexibilização toyotista”.

**Palabras clave:** Taylorismo. Flexibilización. Toyotismo.

Essa resenha se ocupará da análise de uma breve, porém contundente crítica dos professores Ricardo Antunes e Geraldo Augusto Pinto à gênese, ao desenvolvimento, à consolidação e às alternativas a uma educação formal forjada nos moldes do capital e para a sociedade do capital. Ricardo Antunes é professor Titular de sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP; Geraldo Augusto Pinto é professor do Departamento Acadêmico de Estudos Sociais e do Programa de Pós-Graduação e Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Ambos os autores possuem larga produção no tema da sociologia do trabalho, nas relações entre o mercado e o mundo do trabalho e as suas formas de organização e precarização.

O texto está organizado em oito partes, além de uma curta Introdução. Há uma parte inicial teórica, na qual os autores apresentam ao leitor a perspectiva marxiana; nas quatro partes seguintes demonstram a gênese, o desenvolvimento e a consolidação de uma organização da vida social, de suas formas de produção e reprodução, assentadas sobre um modelo societal capitalista. Modelo que teve por base desde o final do século XIX as formas de gestão da produção fabril taylorista, fordista e por fim toyotista. Sobre essas formas de gestão da produção fabril, segundo os autores, desenvolveram-se as formas de conceber e pôr em curso a educação formal, demonstradas nos três capítulos ulteriores.

A fundamentação teórica marxiana é apresentada na primeira parte da obra, em especial a categoria da totalidade, o caráter não determinista das determinações ontológicas marxianas; depois, discorrem sobre a categoria da alienação e a definem como “o complexo social que compreende dois fenômenos muito aproximados, mas não idênticos” (ANTUNES; PINTO, 2017, p.12), que são o *entfremdung* e a *entäusserung*. O primeiro refere-se ao estranhamento e busca “ênfatizar a dimensão de negatividade que caracteriza o trabalho assalariado no capitalismo,” enquanto o segundo é a exteriorização, “presente em toda atividade humana que cria e produz” (ibidem). Por fim, depois de apontar para textos de Hegel e Engels, que impactaram profundamente as elaborações marxianas, os autores propõem o escopo do livro, que é o de demonstrar “(...) de que modo o século XX não só manteve como intensificou e complexificou as alienações típicas do XIX, magistralmente descritas por Marx e Engels” (ANTUNES; PINTO, 2017, p.15).

Na parte dois, denominada O sistema taylorista de gestão do trabalho, é apresentada a administração “científica” de Frederick Winslow Taylor, base teórico-prática sobre a qual se sustentou o século XX e sua sociedade do automóvel. Esta forma de administração do trabalho transcendeu o microcosmo das fábricas metalúrgicas e transformou-se em um novo projeto societal de gestão da vida e da reprodução social. O foco recai sobre a análise da administração taylorista, em especial sua obra *Princípios de administração científica*, que tentava mitigar a discórdia entre operários e capitalistas. Chama atenção o destaque para o caráter ideológico das ideias tayloristas, na tentativa de controle do corpo e do intelecto do operariado no sentido de “reverter a dependência dos proprietários dos meios de produção para com a classe trabalhadora” (ANTUNES; PINTO, 2017, p.32).

A terceira parte, denominada Ford e a produção industrial em larga escala, traz uma discussão sobre a então crescente produção fabril fordista no início do século XX, instituindo uma verdadeira sociedade do automóvel. Henry Ford, com sua linha de montagem, adaptação à produção em série de automóveis de um aparato já usado pelos matadouros de Chicago; e a produção padronizada em larga escala em sua fábrica de Detroit, são problematizadas à luz de sua própria obra autobiográfica *Minha vida e minha obra*. Os autores concluem sobre as duas últimas partes que em termos de formas de organização da força de trabalho, tanto Taylor quanto Ford “definem um projeto de usurpação, pela gerência capitalista, do conhecimento do trabalho desenvolvido social e historicamente pela classe trabalhadora” (ANTUNES; PINTO, 2017, p.46).

Em *O sistema taylorista-fordista e o novo mundo da fábrica*, quarta parte do livro, fica demonstrado que “a gestão do trabalho taylorista-fordista tem muito mais elementos de continuidade do que de descontinuidade em relação à grande indústria do século XIX” (ANTUNES; PINTO, 2017, p.49), marcado pelo caráter fragmentado da produção em série. Os autores assentam a análise neste trecho sobre referências como Lukács (em *História e consciência de classe*), Gramsci (em *Quaderno 22 dos Quaderni del cárcere*) e concluem que a inegável inteligência excepcional dos modos de ser do trabalho taylorista-fordista repercutiu deletéria e dramaticamente sobre a subjetividade do trabalho humano.

Na quinta parte, *O toyotismo e sua empresa enxuta e flexível*, os autores concluem a demonstração da gênese sobre a qual está assentada a educação formal forjada nos moldes do capital e para a sociedade do capital. Descrevem como alternativa ao sistema taylorista-fordista de gestão o modelo japonês oriundo da experiência da Toyota Motor Company foi o que obteve maior popularidade. O toyotismo, como tornou-se conhecido mundialmente no final do século XX, “configurou um novo padrão de acumulação, que sem abolir no todo veio a combinar elementos de continuidade e descontinuidade do taylorismo-fordismo” (ANTUNES; PINTO, 2017, p. 64). Seu mentor, Taichii Ohno, engenheiro industrial da empresa, partiu do estado da arte da organização industrial pós-1945 e estabeleceu uma produção mais diretamente vinculada à demanda (o just in time), um processo produtivo flexível e horizontalizado que se estende a uma extensa rede de subcontratação e terceirizações. Com isso, estabeleceu inovações no sistema produtivo muito mais em seus aspectos organizacionais e conceituais do que tecnológicos, resultando num modo de fazer a gestão que reduz o número de trabalhadores, proporcionando um cenário de “liofilização” (ANTUNES; PINTO, 2017, p.73) enxugando postos de trabalho.

Contudo, mesmo recrudescendo nas formas de alienação, é um modelo cujo desenho espacial é o de “uma fábrica que seduz com o ‘encantamento’ de um espaço de trabalho mais ‘participativo’, ‘envolvente’ e menos despótico” (ANTUNES; PINTO, 2017, p. 73), mesmo que apenas na aparência. Cria-se então um novo universo produtivo, no qual se reconfigura o fenômeno da alienação “que é mais interiorizada, ainda mais complexificada” (ANTUNES; PINTO, 2017, p. 73) em cujo centro os trabalhadores e trabalhadoras aparecem como empreendedores independentes de suas próprias habilidades e capacidades, perversamente denominados pelos eufemismos “colaboradores” e/ou “consultoras”. É sobre este estado da arte do sistema de produção e gestão do trabalho e da vida social que emerge o “projeto de educação” do fim do século XX reverenciado como verdadeiro padrão de educação formal deste início do século XXI.

Na parte sexta, A educação utilitária fordista e sua pragmática da especialização, os autores mostram que a educação exigida pelos gestores e formuladores do capital foi aquela que formasse um tipo específico de força de trabalho servil e treinado para o próprio modelo do capital. Foi posto no horizonte “um projeto de educação baseado em escolas técnicas ditas ‘profissionalizantes’, cujo mote era formar os/as estudantes para o trabalho assalariado” (ANTUNES; PINTO, 2017, p.78), apto a vender sua força de trabalho para o mercado. Com essa finalidade, prevaleceu uma educação da especialização fragmentada “moldada por uma pragmática técnica que direciona a qualificação do trabalho nos limites da coisificação e da fragmentação impostas pelo processo de trabalho capitalista” (ANTUNES; PINTO, 2017, p.79). O tipo de educação formal ideal “para essa qualificação é a que promove o desmembramento entre conceito, teoria e reflexão” (ANTUNES; PINTO, 2017, p. 79), separando o trabalho intelectual do trabalho dito manual. É uma educação que se parece com educação profissional, mas que, em verdade, rompe a ontológica relação teoria e prática, restando uma aplicação e experimentação em detrimento do conceito, da teoria e da reflexão. Assim, “uma formação educacional omnilateral no sentido marxiano só poderia se chocar frontalmente com a realidade do sistema taylorista-fordista” (ANTUNES; PINTO, 2017, p. 79) e toyotista.

A sétima parte do livro, A educação flexível e a pragmática da multifuncionalidade liofilizada é complementar à anterior no sentido de que coloca a educação como um negócio, dentro de uma lógica da razão instrumental, pragmática e flexível, orientada por uma “pedagogia a partir da economia utilitarista e neoliberal” (ANTUNES; PINTO, 2017, p. 101). A conclusão é a de que “essa é a moldura que as chamadas ‘reformas de educação’ trazem

embutidas em sua percepção”, uma educação formal escolarizada “flexibilizada para atender às exigências e aos imperativos empresariais” de uma “formação volátil, superficial e adestrada para suprir as necessidades do mercado de trabalho ‘polivalente’, ‘multifuncional’ e flexível” (ANTUNES; PINTO, 2017, p.104). Essa educação do terceiro milênio desenhada à sua imagem pelos capitais em sua fase mais destrutiva não é capaz de “um sentido humanista e crítico” (ibidem), mas apenas desenvolver uma caricatura humana de sua imagem monstruosa.

Na última parte deste livro breve, porém monumental e contundente, os autores elaboram uma série de cinco questionamentos que levam o leitor a se perguntar quais seriam as formas alternativas de educação e de escola possíveis em sentido verdadeiramente humanos. Em Uma educação em outro modo de vida: uma breve nota conclusiva, vão a Mézáros e voltam a Gramsci para pensar esta outra forma de educação. “Individualmente omnilateral e não unilateral, livre e não instrumental, emancipada e não alienada” são os parâmetros iniciais para “uma outra educação” (ANTUNES; PINTO, 2017, p. 109). Tudo que não o seja é o mesmo que “continuar fazendo a escola do capital em sua incessante e tenaz destruição” (ibidem). Diante do exposto, recomendo fortemente a leitura do texto de Ricardo Antunes e Geraldo Augusto Pinto, não somente por aqueles preocupados com a sociologia do trabalho, pela primeira parte do livro, mas sobretudo aos trabalhadores em educação pela parte final do livro, pela aguda crítica à educação escolarizada e sua subserviência aos modelos empresariais de gestão do trabalho e da vida social.

## Referência

ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo Augusto. **A fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista**. Coleção Questões de nossa época, Volume 58. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

## SOBRE O AUTOR:

### **Guilherme Howes Neto**

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Grupo de Pesquisas e Estudos sobre Educação, Trabalho e Políticas Públicas. E-mail: guilhermehowes@gmail.com

Recebido em: 23 de fevereiro de 2018  
Aprovado em: 12 de março de 2018